

JERÔNIMO

O HERÓI do
SERTÃO

DA NOVELA DE MOYSÉS WELTMAN

O mais famoso dos heróis da Rádio Nacional era, sem dúvida, Jerônimo, um caubói que lutava pelos fracos e oprimidos nos sertões brasileiros.

Jerônimo era filho de Maria Homem (interpretada por Tina Vita), uma mulher de pulso forte, que lhe ensinou a diferença entre o bem e o mal. O marido de Maria Homem, pai de Jerônimo, era um honesto estancieiro, cujas terras foram invadidas e tomadas por um latifundiário ganancioso e sem escrúpulos, o coronel Saturnino Bragança. O conflito transformou-se numa guerra, e o pai de Jerônimo acabou sendo covardemente assassinado.

A mulher não se abateu e acabou assumindo corajosamente a luta do marido, ganhando então o apelido de Maria Homem. Um esclarecimento: o apelido não era uma velada e maldosa insinuação a respeito da feminilidade da mãe do nosso herói. Éramos, na época, uma sociedade predominante machista – e gente valente só podia mesmo ser homem, mesmo que fosse uma mulher. Mulher, digo, na acepção ortodoxa da palavra, entenderam?

O idealizador e redator de *Jerônimo, o herói do sertão* chamava-se Moisés Weltman, um carioca nascido em 1932 que, desde jovem, se dedicou a escrever nove-



las e programas para o rádio. Em 1953, em face do sucesso da novela *A dama de negro*, apresentada pela Rádio Nacional, Weltman recebeu o Prêmio Revelação do Ano, o que lhe deu a oportunidade de mostrar o projeto a um possível patrocinador – The Sidney Ross Company, que já patrocinava *As aventuras do Anjo*. A proposta foi logo aceita, de criação de um herói brasileiro.

Bem verdade que Jerônimo era uma adaptação dos faroestes americanos, mas isso só melhorou o seu ibope junto ao público jovem, que curti, na época, os filmes de John Wayne e Audie Murphy.

De início, o herói imaginado por Moisés Weltman seria gaúcho – O Cavaleiro dos Pampas – e teria o nome de Bento Faria. Com medo de que o programa ficasse muito regionalizado, Weltman preferiu situar o espaço de ação do herói mais para o norte, tomando cuidado, é claro, para que ele não se transformasse num cangaceiro defensor da lei e da ordem.

Quem escolheu o nome que consagraria o nosso herói foi o próprio Weltman, após examinar uma lista com mais de trinta opções.

O nome Jerônimo, sem dúvida, foi um achado: era másculo, mas não era vulgar, e evocava o líder apache que, durante anos, infernizou a Cavalaria do Exército dos Estados Unidos, infringindo-lhe seguidas e humilhantes derrotas. Felizmente o nome Bento Faria – que evocaria, sem dúvida, o vampiro brasileiro, Bento Carneiro, personagem do Chico Anísio – acabou não prevalecendo.

As aventuras de Jerônimo, vivido na Rádio Nacional pelo radioator Milton Rangel, eletrizavam a garotada, sua principal audiência. Sempre acompanhado do Moleque Saci (interpretado pelo radioator Cauê Filho) e por sua eterna noiva Aninha (a radioatriz Dulce Martins), o nosso herói tinha alguns inimigos de carteirinha, como o Caveira, um criminoso especializado na arte do disfarce, e



o Cobra, um sujeito de maus bofes, assassino confesso e assaltante de bancos.


As peripécias de Jerônimo, que varava o sertão montado no seu cavalo Príncipe (em tempo: o cavalo do Moleque Saci chamava-se Goiabada), se passavam sempre em cidades fictícias de nomes sugestivos: Serro Bravo, Águas Claras, Paulópolis, Morro Queimado, Ribeira Alta e Mata Virgem.

Jerônimo permaneceu no ar por exatos 14 anos e trocou socos e tiros com seus algozes ao longo de 3.276 capítulos! *Jerônimo, o herói do sertão* ia ao ar às 18h35, de segunda a sexta-feira, logo após *As aventuras do Anjo*, “num oferecimento de Melhoral, contra dores e resfriados”.

E por falar no Anjo: tal como o detetive milionário, Jerônimo também ganhou a sua revista em quadrinhos. O número 1 de *Jerônimo, o herói do sertão* chegou às bancas em julho de 1957 e o sucesso foi tão espetacular que, em menos de 48 horas, a Rio Gráfica Editora teve de por na rua uma segunda edição da revista, com o dobro de exemplares.

Edmundo Rodrigues, um dos traços mais geniais do quadrinismo brasileiro, desenhou o seriado durante cinco anos ininterruptos, ou seja, 62 revistas (uma por mês), cinco almanaques, dois exemplares das *Peripécias do moleque Saci* e dois outros com *As aventuras de Aninha*.

A bibliografia de Jerônimo, contudo, não parou por aí: na década de 1960, na Tupi, e nos anos 1980, na SBT, o seriado chegou finalmente à televisão, mas a audiência estava longe da do rádio. O filme *Jerônimo*, de David Rangel, lançado em 1994, foi um fracasso



**N
O
I
V
A
S**

A NOBREZA TEM O ENXOVAL DO SEU AGRADO E CUSTA MUITO MENOS

GUARNIÇÕES PARA QUARTO A PARTIR DE CRS 398,00

**Vendas à Crédito
A NOBREZA S**

Uruguaiana, 95 -- Tel.: 23-4404

Academia de Acordeon
MASCARENHAS

A mais ampla academia do Brasil e que tem formado os maiores artistas do nosso broadcasting. Capacidade para 1.200 alunos e três andares destinados ao ensino do acordeon. Completo sortimento de arranjos. Peça lista de música pelo reembolso postal.



Você sabia?

Que a primeira edição da *Revista do Rádio* saiu em fevereiro de 1948, custava 3 cruzeiros, tinha quarenta páginas e trazia Carmem Miranda na capa? Que, antes de cantar, Jorge Veiga ganhava a vida pintando parede?



Você sabia?

Que a cantora Linda Batista manteve o título de Rainha do Rádio por 11 anos, de 1937 a 1947? Que o apelido Sapoti foi dado à cantora Ângela Maria pelo presidente Getúlio Vargas?

Ouçá...

*e recomende
aos seus amigos*

A mais vibrante série de
histórias do rádio brasileiro

Jerônimo

O HERÓI DO SERTÃO

Um oferecimento de

Melhoral

CONTRA DORES E RESFRIADOS



RÁDIO NACIONAL (Rio) de 2.ª a 6.ª feira, às 18,35

RÁDIO JORNAL DO COMÉRCIO (Recife) 2.ª, 4.ª e 6.ª, às 19,00

de público e de crítica. A verdade é que a magia do nosso herói estava no rádio e nos quadrinhos. A televisão e o cinema não eram o seu terreno.

Todas as revistas em quadrinhos de Jerônimo, incluindo os almanaques, são, hoje, raridades disputadas a ferro e fogo por colecionadores e saudosistas. O mesmo acontece com o LP *Jerônimo, o herói do sertão*, selo Colúmbia Discos, no qual se pode ouvir a bela toada de Getúlio Macedo e Lourival Faissal, que todos sabíamos – vá lá, ainda sabemos – cantar:

*Quem passar pelo sertão
Vai ouvir alguém falar
No herói desta canção
Que eu venho aqui cantar
Se é pro bem vai encontrar
Um Jerônimo protetor
Se é pro mal vai enfrentar
Um Jerônimo lutador.*

O INSPETOR MARQUES

O herói do *Teatro de Mistério* era o Inspetor Marques, interpretado por Rodolfo Mayer, do Departamento de Polícia Judiciária, unidade que não existia nem na polícia nem no judiciário quando o seriado foi lançado. O Inspetor Marques tinha um auxiliar, o Detetive Zito, vivido por Gerdal dos Santos.

O *Teatro de Mistério* era escrito por Hélio do Soveral e dirigido ainda por Rodolfo Mayer. Segundo o autor, o Departamento de Polícia Judiciária tinha sido criado para corrigir os erros dos inquéritos policiais.

As histórias continham sempre muitos mistérios (daí o nome), nitidamente influenciadas pelos policiais norte-americanos, na linha de Dashiell Hammett e Raymond Chandler. Mas o Inspetor Mário Marques não era um personagem fácil de catalogar. Ele não usava a dedução rebuscada de um Sherlock Holmes, nem a psicologia infalível de um Hércule Poirot, nem o refinamento esnobe de um Philo Vance, nem a burocracia estreita de um Comissário Maigret. Inspetor Marques usava um pouco de cada coisa, daí o seu encanto e a sua genialidade.

As histórias do Inspetor Marques e do seu fiel escudeiro, o Detetive Zito, foram documentadas em livros de bolso, publicados, no início dos anos 1960, pela Editora Vecchi.

Quando Rodolfo Mayer e Gerdal dos Santos foram demitidos da Rádio Nacional por força do Ato Institucional nº 1, Hélio do Soveral não manteve os nomes dos personagens dos atores punidos. Era uma forma de protestar contra a violência que havia sido cometida contra os colegas.

O CAVALEIRO DA NOITE

Era um herói importado, tipo Zorro. O intérprete era Roberto Faissal, galã de muito sucesso na Rádio Nacional. A namorada do Cavaleiro da Noite era interpretada pela grande atriz Isis de Oliveira. O Cavaleiro da Noite lutava contra os poderosos, que teimavam em explorar os pobres. O programa ia ao ar às 18 horas. Depois dele, vinha o Anjo e, em seguida, Jerônimo. Todos eram patrocinados pela Sidney Ross Company.



Você sabia?

Que no final dos anos 1950, Cauby Peixoto excursionou pelos Estados Unidos, usando o nome de Ron Coby, e gravou “Maracangalha”, de Caymmi, com o título “I go”?